



## Máquinas de costura na bagagem: a materialidade das mobilidades migratórias Bolívia-Brasil<sup>1</sup>

Bruno Miranda<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir do seguimento etnográfico de famílias de migrantes bolivianos com experiência como costureiros na indústria de confecção de São Paulo, e apoiando-se em dois giros epistemológicos das Ciências Sociais (o giro da materialidade e o da mobilidade), examino os contextos sociais e os processos de objetificação expressos nas relações entre objetos (máquinas de costura) e sujeitos (migrantes costureiros e costureiras). A análise evidencia como as relações objeto-sujeito estruturam as formas de organização do trabalho e as mobilidades migratórias entre a Bolívia e o Brasil. Por fim, argumento sobre como as relações entre migrantes e o mundo material participa na constituição das suas próprias subjetividades.

**Palavras-chave:** migração boliviana; indústria de confecção de São Paulo; giro da materialidade; giro da mobilidade; objetificação.

**Sewing machines in one's luggage: the materiality of Bolivia-Brazil migratory mobilities**

1 Este artigo é fruto do debate levado a cabo na Mesa Redonda "Pessoas e objetos em movimento: outras perspectivas metodológicas nos estudos das migrações a partir das viradas 'materialista' e 'da mobilidade'", realizado durante o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia.

2 Instituto de Investigaciones Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México (IISUNAM) – Ciudad de México – brunofemiranda@sociales.unam.mx – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2968-1295>

**Abstract:** *Based on ethnographic observations of Bolivian migrant families in São Paulo's garment industry, and theoretically supported by the materiality turn and the mobility turn within contemporary social sciences, this paper examines the social contexts and the processes of objectification expressed in the relations between objects (sewing machines) and subjects (migrant garment workers). The analysis points out how object-subject relations structure the labor organization and the migratory mobilities between Bolivia and Brazil. Finally, I elaborate on how the relations between migrants and the material world constitutes their subjectivities.*

**Keywords:** *Bolivian migration; São Paulo's garment industry; materiality turn; mobility turn; objectification.*

### **Máquinas de costura entre maletas: la materialidad de las movilidades migratorias Bolivia-Brasil**

**Resumen:** A partir del seguimiento etnográfico de familias de migrantes bolivianos con experiencia como costureros en la industria de confección en São Paulo y apoyándome en dos giros epistemológicos en las Ciencias Sociales, el giro material y el giro móvil, examino los contextos sociales y los procesos de objetivación expresados en las relaciones entre objetos (máquinas de coser) y sujetos (costureras y costureros migrantes). El análisis destaca cómo las relaciones objeto-sujeto estructuran las formas de organización del trabajo y las movilidades migratorias entre Bolivia y Brasil. Por último, argumento cómo las relaciones entre las personas migrantes y el mundo material participan en la constitución de sus propias subjetividades.

**Palabras-clave:** migración boliviana; industria de confección de São Paulo; giro material; giro móvil; objetificación.

### **Introdução**

A aliança entre a academia e a migração boliviana no Brasil como tema de estudo recentemente celebrou bodas de prata. Tomando em consideração as primeiras publicações de Sidney da Silva em 1995, considerado por muitos acadêmicos o pioneiro nos estudos sobre a cultura e a presença boliviana na capital paulista, os frutos dessa articulação podem ser contados em dezenas de produções científicas, variando em termos disciplinares – Sociologia, Antropologia, Psicologia, Geografia, Demografia, Comunicação e Saúde Coletiva –, assim

como em termos teórico-metodológicos. Desta forma, ao longo dos anos, investigadores e estudantes de pós-graduação publicaram artigos, dissertações e teses que são consideradas referências para os estudos atuais (Silva, 1995, 2006; Silva, 2008; Freitas, 2009, 2014; Xavier, 2010; Silva, 2012; Baeninger, 2012; Côrtes, 2013; Mcgrath, 2013; Miranda, 2017; Souchaud, 2012, 2019).

Grosso modo, a unidade de análise dos trabalhos produzidos gira ao redor da inserção laboral, das condições e relações de trabalho dos migrantes nas oficinas de costura, assim como dos espaços culturais e sociais ganhos na cidade de São Paulo, não obstante a segregação e o racismo que enfrentam, além dos laços transnacionais envolvidos entre os membros familiares que ficaram na Bolívia, os que se instalaram no Brasil e os que circulam entre um polo e outro. De certa forma, o tom das pesquisas acadêmicas tem sido a problematização de processos sociais fundamentais, nos quais os sujeitos de estudo são homens, mulheres, casais ou famílias inteiras provenientes da Bolívia, especialmente dos Andes. Embora o interesse sobre a migração boliviana no Brasil não seja o mesmo de uma ou duas décadas atrás, já que outras populações vindas ao país demandaram a atenção científica, como, por exemplo, haitianos, senegaleses e venezuelanos, o certo é que essa mobilidade migratória que conecta circularmente a região andina e a Zona Metropolitana de São Paulo (daqui em diante, ZMSP) continua ativa, nutrindo de costureiros e costureiras os circuitos produtivos da indústria de confecção com base na cidade de São Paulo.

Este é o caso da família Escobar Huarachi<sup>3</sup>, cujos membros circulam entre a cidade de El Alto e São Paulo desde 2005, sempre trabalhando no setor das confecções, eventualmente na condição de oficinistas (donos de oficinas de costura). Meu trabalho e seguimento etnográfico teve início em 2015, quando o casal Roberto Escobar e Marta Huarachi já administrava uma oficina no Bom Retiro. No total, 33 membros, entre cunhados, tios, irmãos e sobrinhos, envolveram-se direta ou indiretamente na experiência migratória desse casal (Miranda, 2019a). Originários de bairros populares da cidade de El Alto, a metrópole aimará por excelência<sup>4</sup>, o casal e os seus quatro filhos, no entanto, decidiram em 2016 retornar à cidade natal, depois de 11 anos de “atividade migratória” (Baby-Collin; Cortes; Sassone, 2008), todos eles na frente de máquinas de costura. Outro casal

3 Embora os sobrenomes familiares tenham sido mantidos, todos os nomes das pessoas migrantes são fictícios.

4 A cidade de El Alto, juntamente com La Paz, Oruro, Potosí e Cochabamba, forma parte do altiplano andino, ocupado historicamente por populações aimará e quéchuas. Nas regiões da planície boliviana, que incluem os estados de Santa Cruz, Chuquisaca, Tarija, assim como os estados amazônicos de Beni e Pando, destacam-se outras populações originárias, como os guaranis, por exemplo.

oficinista, Rogelio e Marlen (tia de Roberto), permanece no Brás. Ao retornar à Bolívia, Roberto e Marta desfizeram sua oficina, mas levaram consigo três das cinco máquinas de costura no trajeto terrestre de cerca de três mil quilômetros que separam as duas cidades.

Dada a permanência dos vínculos familiares e das próprias pessoas migrantes bolivianas na ZMSP, disseminadas em micro oficinas de costura, e muito apesar do desemprego crescente a partir de 2015 e da pandemia de Coronavírus desatada em 2020, este artigo aposta na pertinência da continuidade dos estudos sobre essa população migrante no Brasil, especialmente na ZMSP. O artigo tem como ponto de partida os próprios objetos que as mobilidades migratórias em questão revestem. Assim, leva-se em conta: a) os elementos do contexto sociolaboral, tais como o nicho das confecções (Souchaud, 2012) e a oficina como dispositivo central da circulação migratória boliviana (Côrtes, 2013); e b) o marco teórico e epistemológico do giro da mobilidade (Creswell, 2006; Sheller; Urry, 2006; Glick-Schiller; Salazar, 2013) e do giro da materialidade nas Ciências Sociais (Appadurai, 2008[1986]; Miller, 1998; Tilley, 2006). Dessa forma, o presente texto tem como objetivo examinar as relações entre os objetos e os sujeitos da mobilidade migratória entre a Bolívia e o Brasil, especificamente a relação entre as máquinas de costura e os membros das famílias estudadas entre a cidade de São Paulo e El Alto, no altiplano andino. Para além de dar parte dos contextos sociais das localidades nas quais as máquinas se instalam, interessa-me indagar sobre como essas máquinas de costura em particular, e o objeto máquina de costura em geral, participa da experiência migratória familiar através de diversas interações enquadradas em processos de objetificação (Miller, 1987).

Diferentemente de outros grupos de migrantes sul-americanos, como os paraguaios (Silva; Côrtes, 2014), as pessoas migrantes bolivianas dependem quase exclusivamente dos circuitos produtivos mais básicos da indústria de confecção de São Paulo ao longo de mais de três décadas (Silva, 2012). Daí a distinção da presença do objeto máquina de costura ao longo da experiência migratória desses indivíduos, grupos e famílias, ainda mais se tomarmos em consideração que as jornadas de trabalho são prolongadas e que o local de trabalho e a moradia se fundem num só, fazendo da máquina de costura um acompanhante quase inseparável no cotidiano. A forma de contratação e de emprego dos migrantes costureiros possui, inclusive, vários aspectos não-livres de trabalho (Brass; Van Der Linden, 1997), como o vínculo por dívida que impede a liberdade de movimento para fora da oficina.

Inicialmente, o seguimento da família Escobar Huarachi não era pensado para uma análise da materialidade existente em suas mobilidades. Nesses anos,

tive a oportunidade de realizar um trabalho etnográfico em sua oficina de costura no bairro do Bom Retiro no verão de 2015 – cuja tipologia, método de aproximação e duração estão analisados minuciosamente em outro texto (Miranda, 2019b) –, seguida de uma visita em 2016 e de contatos periódicos através das redes sociais (WhatsApp e Facebook); até que, no inverno de 2017, realizei outro trabalho etnográfico, mas dessa vez em El Alto. Entre as famílias de migrantes bolivianos costureiros, cujas atividades cotidianas pude observar em São Paulo durante o trabalho de campo, a escolha da família Escobar Huarachi tem a ver com a própria abertura à etnografia no interior de sua oficina e com a possibilidade de dar seguimento à atividade migratória de alguns dos seus membros nos anos posteriores a 2015. Em suma, originalmente, não segui os objetos, mas os sujeitos. Porém, ao fazê-lo, encontrei os mesmos objetos, isto é, as mesmas máquinas de costura nas quais eu mesmo havia trabalhado como assistente de costura três anos antes durante a imersão etnográfica. Complemento o texto utilizando outro trabalho etnográfico realizado em 2014 e em 2015 com a família Chambi Jucumani para dar parte da ritualidade ao redor da máquina de costura.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira delas, explicito o domínio material no qual a máquina de costura será considerada e reviso o marco teórico que embasa o texto, tratando de articular os dois giros epistemológicos aqui tratados: o da materialidade e o da mobilidade. Já na segunda parte, descrevo e analiso o contexto social em que a máquina de costura se instala no Bom Retiro, no centro de São Paulo e como, do ponto de vista desse objeto, estrutura-se a forma de organização do trabalho, as mobilidades entre o Brasil e a Bolívia e determinadas ritualidades. A terceira e última parte antes das conclusões se dedica à descrição do corredor migratório pelo qual as máquinas de costura transitam e onde finalmente se estabelecem na cidade de El Alto, cujo entorno social é apresentado e examinado. Por fim, conclui-se que as relações entre máquinas de costura e costureiros estão enquadradas em um processo de objetivação bastante diverso, que estrutura o projeto migratório e que participa da experiência migratória na medida em que constitui as próprias subjetividades dos migrantes costureiros e costureiras.

## Reviravoltas epistemológicas nas Ciências Sociais

No que concerne aos estudos sobre a materialidade nas Ciências Sociais, talvez seja necessário começar esclarecendo do que este texto não trata: em outras palavras, o que a consideração da relação entre costureiros migrantes e a máquina de costura como unidade de análise não implica neste caso específico de estudo.

Neste sentido, não se trata da história de vida integral ou da biografia dos objetos em questão (Kopytoff, 2008[1986]; Knowles, 2014). Não traçarei, portanto, o caminho percorrido desde a extração das matérias-primas e o processo de transformação em plantas industriais da China ou da Coreia do Sul que resulta na fabricação de máquinas de costura, que depois são importadas e direcionadas aos enclaves da indústria de confecção na cidade de São Paulo. Centrar-me-ei, isso sim, na “fase da vida” (Kopytoff, 2008[1986]) em que a máquina é consumida como meio de produção para produzir outras mercadorias (roupas e acessórios). Complementarmente, analisarei a ritualidade ao redor da máquina e como ela divide a materialidade da experiência migratória boliviana com outros objetos. Esses esclarecimentos são relevantes, já que a máquina de costura não é um artefato religioso ou arqueológico nem um objeto de arte, de decoração de interiores ou de consumo estético único e exclusivo, tampouco uma peça de moda (mesmo que produza moda), como o são os objetos usualmente estudados no campo da cultura material (Miller, 1998; Myers, 2001; Tilley, 2006).

Outro aspecto que difere a análise da máquina de costura é que, visto como um objeto, reflete somente indiretamente os aspectos culturais de um grupo social específico, neste caso, das pessoas migrantes dos Andes bolivianos. Rigorosamente, são os aspectos ou as relações vinculadas com o mundo do trabalho as que aparecem em primeiro plano. Além disso, este estudo realiza de certa forma um movimento reverso com relação aos esforços dos campos de estudo da cultura material (*material culture studies*) e da antropologia das coisas (*anthropology of things*), os quais, na década de 1980, ousaram examinar coisas, objetos e mercadorias no âmbito da troca e do consumo, não da produção (Appadurai, 2008[1986]; Miller, 1987). Esse revés não tem a ver com saudosismo algum, mas se deve ao fato de que os objetos em contextos de mobilidade analisados aqui são precisamente máquinas de costura, cujo consumo não está separado do momento produtivo.

Por último, para dirimir qualquer confusão entre “coisa”, “objeto” e “mercadoria”, analiso a máquina de costura como parte da materialidade das mobilidades migratórias de homens e mulheres bolivianas entre seus locais de origem e a ZMSP. Importa-me, primeiramente, a qualidade de objeto da máquina de costura. Desse ponto de vista, é pertinente a proposição inicial de Miller (1987, 1998), recuperada e desenvolvida por Myers (2001) e Tilley (2006), acerca da objetificação, entendida como

um conceito que oferece uma forma particular de entender a relação entre sujeitos e objetos, a preocupação central dos estudos da cultura material. O conceito tenta superar o dualismo do pensamento empírico moderno em que sujeitos e objetos são considerados entidades totalmente diferentes e opostas, respectivamente humano e não-humano, vivo e inerte, ativo e passivo e assim por diante. Através da elaboração, uso, troca, consumo, interação e convivência com coisas, as pessoas se constituem processualmente. O mundo do objeto é, portanto, absolutamente central para o entendimento das identidades de pessoas individuais e de sociedades. Ou, dito de outra forma, sem as coisas – a cultura material – nós também não poderíamos sermos nós mesmos nem nos conhecermos (Tilley, 2006:61, tradução própria).<sup>5</sup>

Nesta concepção, enquadrada no debate acadêmico para posicionar esse campo de estudos frente a posturas economicistas, a argumentação principal é de cunho epistemológico, no sentido de que a vida social e as subjetividades individuais que dela fazem parte se constituem da materialidade e vice-versa, o que “coloca a cultura material em uma posição processual e relacional com respeito aos sujeitos humanos, uma posição na qual os objetos e sua capacidade de dar forma podem promover o desenvolvimento do sujeito” (Myers, 2001:21, tradução própria).<sup>6</sup>

Em segundo lugar, interessa-me a qualidade do objeto-máquina como meio de produção na medida em que informa sobre as hierarquias dentro da oficina de costura. Ainda, a unidade de análise não será o objeto máquina de costura em si, mas a relação que este mantém com os sujeitos “migrantes da costura” (Côrtes, 2013). Uma das preocupações compartilhadas com Miller (1998) é precisamente a inquietude etnográfica com o que as pessoas fazem com os objetos, mas não com quaisquer objetos, mas aqueles de uso cotidiano, preferencialmente doméstico (:12-19). Surpreendentemente, este é o caso da máquina de costura,

---

5 No original: “Objectification, considered in the most general way, is a concept that provides a particular way of understanding the relationship between subjects and objects, the central concern of material culture studies. It attempts to overcome the dualism in modern empiricist thought in which subjects and objects are regarded as utterly different and opposed entities, respectively human and non-human, living and inert, active and passive, and so on. Through making, using, exchanging, consuming, interacting and living with things people make themselves in the process. The object world is thus absolutely central to an understanding of the identities of individual persons and societies. Or, to put it another way, without the things – material culture – we could neither be ourselves nor know ourselves”.

6 No original: “This places material culture in a processual and relational position with respect to human subjects, a position in which objects and their capacity to give form may further the development of the subject”.

uma vez que a oficina de costura com migrantes andinos é também sua moradia em São Paulo. É, diga-se de passagem, um aspecto da contratação e do emprego de migrantes que, em outras sociedades de destino que também contam com a presença boliviana, como no caso da conurbação de Buenos Aires, conhecido como “sistema de cama *caliente*” (Benencia, 2009). Dessa relação mutuamente constitutiva entre objeto e sujeito, desprende-se inclusive a formação das personalidades individuais e coletivas, as mesmas que eventualmente repercutem nos objetos, fazendo com que estes atuem como se fossem pessoas ao provocar respostas emocionais nos sujeitos que com eles lidam ou se relacionam.

Daí a ideia de que os objetos possuam agência (Hoskins, 2006:75-78). Segundo essa autora,

a equivalência sugerida entre a agência de pessoas e das coisas questiona as fronteiras da individualidade pessoal e das representações coletivas de várias maneiras. Implica ter que prestar mais atenção na dimensão fenomenológica das nossas interações com o mundo material e interrogar os objetos que nos fascinam, assim como nossas razões para sentir este fascínio (2006:76, tradução própria).<sup>7</sup>

Feitas as elucidações anteriores, o próximo passo é precisamente articular as abordagens da materialidade com a dinâmica das mobilidades migratórias entre a Bolívia e o Brasil. Para isso, recorro à abordagem proposta por teóricos sociais do universo anglo-saxão dentro do que ficou conhecido como o giro móvel ou da mobilidade (Creswell, 2006; Sheller; Urry, 2006; Sheller, 2018). Num movimento de desconstrução similar ao decolonial ou ao literário, o da mobilidade é um giro epistemológico, com consequências teóricas e metodológicas, no qual as categorias de pensamento priorizam o movimento. Desta maneira, a mobilidade amplia seu alcance sociológico ao incorporar o sentido espacial. De fato, como recorda Everuss (2021), o giro espacial e a noção de que o espaço não possui uma natureza inata, mas é fruto das interações sociais; é um dos antecedentes do próprio giro da mobilidade.

Os campos de estudo e disciplinas que têm aplicado o enfoque da mobilidade são variados: dos estudos urbanos e a arquitetura, passando pelos estudos do turismo e a arqueologia, até chegar aos estudos migratórios. Leva-se

---

7 No original: “The equivalence suggested between the agency of persons and of things calls into question the borders of individual persons and collective representations in a number of ways. It implies that we need to pay more attention to the phenomenological dimension of our interactions with the material world, and interrogate the objects which fascinate us as well as our reasons for feeling this fascination”.

em consideração a mobilidade de sujeitos, corpos, mas também de elementos imateriais (imagem, informação, valores) e da própria matéria. Isso quer dizer, em poucas palavras, que não são somente pessoas que se colocam ou que são forçadas a contextos de mobilidade, mas também os objetos que elas enviam, recebem ou inclusive os que viajam e transitam com elas, em suas bagagens, maletas, mochilas e bolsos (Alonso Rey, 2016; Monteiro, 2018; Ruseishvili, 2018). Se o giro material questiona a tradição das Ciências Sociais em privilegiar a “sociedade” ou o “social” em detrimento dos elementos propriamente não-humanos (Miller, 1998; Myers, 2001), o chamado de atenção do giro da mobilidade problematiza a associação entre “sociedade” e “Estado-nação” e a licença dada às coletividades humanas ao sedentarismo. De fato, o apego à fixação nas Ciências Sociais vai acompanhado de perto pelo surgimento e pela consolidação do Estado moderno, entidade que conta com uma territorialidade fixa, com fronteiras estáveis e cidadãos identificáveis. É por isso que existe uma aproximação entre esse giro epistemológico e a crítica do nacionalismo metodológico (Levitt; Glick-Schiller, 2004), proposições que aliás compartilham a mesma corrente crítica das categorias contentoras, justamente porque tendem a essencializar os processos e os fenômenos sociais.

Ao afinar o olhar, o giro ou o novo paradigma das mobilidades (Sheller; Urry, 2006) é, na verdade, um paradigma das (i)mobilidades, já que o movimento ou o trânsito caminham lado-a-lado da estase e da quietude (Creswell, 2012). Por isso, compreende-se a mobilidade para além do movimento, já que o transcende na medida em que incorpora ações que, a princípio, poderiam parecer antagônicas, como, por exemplo, parar, esperar, hesitar. A associação entre mobilidade e imobilidade se evidencia se colocarmos nossa atenção na infraestrutura edificada em terminais rodoviários, aeroportos e portos, sem os quais a mobilidade humana e de mercadorias não teria lugar, pelo menos não da forma como a conhecemos (Sheller; Urry, 2006; Sheller, 2018). Por isso, além de presupor a imobilidade, a mobilidade se concretiza através dela.

Ademais, a mobilidade está cruzada pelos diferentes e desiguais posicionamentos sociais existentes nas sociedades complexas, isto é, as relações entre o movimento e o sedentarismo estão permeadas de significados, de implicações sociais e de relações de poder. Para Creswell, mobilidade “é praticada, é experimentada, é corporificada” (2006:03, tradução própria)<sup>8</sup>, ao mesmo tempo que produz tempo e espaço social. Já Glick-Schiller e Salazar (2013) e Scheller (2018) defendem a ideia de que as mobilidades conformam regimes de governo que

8 No original: “Mobility is practiced, it is experienced, it is embodied”.

atuam desigualmente definindo quem ou o quê pode se mover, sua forma de movimento, suas circunstâncias e condicionalidades. Desta maneira, no universo das migrações internacionais, os regimes de mobilidade são construídos e consumados por meio de discursos, práticas e atores (Geiger; Pécoud, 2010) e resultam, por um lado, em processos securitistas para migrantes sem documentos (vide centros de detenção migratória, muros, alambrados, torres de vigilância, militarização das fronteiras) que se convertem em pessoas irregularizadas e ilegalizadas e, por outro lado, na abertura de mercados de trabalho para migrantes qualificados.

Seja na forma infraestrutural que dá vazão às mobilidades, seja por meio da tecnologia posta em ação para conter as mobilidades migratórias de sujeitos indesejados pelos Estados, fica claro como a materialidade participa da regulação da mobilidade e do trânsito humano. Esta é uma forma de compreender o vínculo com o entorno material. Outra delas, justamente a que interessa para a presente análise, é levar em consideração a materialidade que reveste a experiência migratória, mais precisamente a relação entre objetos e sujeitos em contextos de mobilidade migratória. Portanto, a seguir, será examinada a relação existente entre máquinas de costura e uma família de migrantes bolivianos na indústria de confecção da cidade de São Paulo. Além de descrever o contexto local, o interesse é indagar sobre o nível de agência do objeto máquina de costura na medida em que participa da experiência migratória dos membros da família Escobar Huarachi.

## Da organização do trabalho, das mobilidades e da multissensorialidade

Meu envolvimento com o universo da migração boliviana em São Paulo e, conseqüentemente, com as oficinas de costura com migrantes, iniciou em 2013. Dois anos depois, tive a oportunidade de conhecer o casal formado por Roberto Escobar e Marta Huarachi e realizar uma imersão etnográfica em condição de assistente de costura em sua oficina (Miranda, 2019b), uma convivência que se estende até os dias de hoje. Atualmente, Roberto tem 34 anos. Começou sua atividade migratória entre El Alto, sua cidade natal, e São Paulo, em 2005. Juntamente com sua esposa (37) e com seus quatro filhos, levaram seis anos antes de poder constituir sua própria oficina em 2011, precisamente no Bom Retiro, tradicional e centenário bairro de migrantes da capital. A partir de então, sua oficina passou a operar como uma facção, que é como se conhece, na indústria de confecção, a unidade produtiva que recebe o tecido cortado do fornecedor para então armar as peças de roupa.

Baseado na proposta de Knowles (2014), para quem as trilhas e os caminhos percorridos pelos objetos através das vias não-hegemônicas da globalização revelam aspectos das “texturas sociais” do cotidiano obscurecidos por abordagens economicistas – e apesar de que o percurso da máquina de costura se dá no interior de um corredor não propriamente de alcance global, mas secundário inclusive em comparação com outros da América do Sul –, considero relevante dar parte do cotidiano do bairro do Bom Retiro, da sua espacialidade e dos sentidos da sua ocupação. É, por assim dizer, a primeira “cena” pela qual as máquinas de costura transitam.

Não se conta a história da formação urbana da cidade de São Paulo sem mencionar o Bom Retiro e sem aludir aos grupos de migrantes internacionais que o habitam e habitaram no passado (Feldman, 2013). Ocupando os cortiços do bairro, judeus russos e polacos, turcos, sírios e, posteriormente, italianos forjaram um dos três emblemáticos bairros operários da cidade, juntamente com o Brás e a Luz. A mesma forma de ocupação e de uso espacial são legados que permanecem. Suas edificações continuam dando lugar a moradias que são, ao mesmo tempo, estabelecimentos comerciais ou pequenas fábricas. Numa cidade onde no horizonte predominam torres residenciais e corporativas, o mercado imobiliário ainda não conseguiu (ou não se interessou) em verticalizar o “Bonra”, como é carinhosamente chamado. O estudo de Feldman (2013) faz referência ao tecido comunitário judeu ao redor da confecção de roupas e conclui que a identidade do bairro tem como base uma economia étnica. Se a estruturação da incipiente indústria da confecção foi uma marca judia, a organização do processo de trabalho e o desenvolvimento do comércio atacadista tem o selo coreano. Das tarefas intensivas em trabalho que requerem as oficinas de costura, na década de 1970, à aquisição de lojas comerciais e sua conversão em butiques, as famílias de ascendência coreana hegemonizaram a comercialização de roupas e acessórios com conceito de moda no bairro (Choi, 1996; Kontic, 2007; Freitas, 2009).

Essa rápida revisão de um período de mais de cem anos serve de antessala para entender a inserção laboral de migrantes bolivianos/as a partir da década de 1990 nas oficinas de costura no bairro. Esse grupo nacional ocupa o elo mais frágil da extensa cadeia de subcontratação de confecções, juntamente com grupos e famílias provenientes do Peru e do Paraguai (Silva; Côrtes, 2014). Isso nos leva à outra cena do cotidiano, menos visível aos olhos de quem transita pelo Bom Retiro: a da oficina de costura. O processo de montagem dos pedaços soltos de tecido e sua conversão em uma camisa, saia ou vestido, acarreta jornadas de trabalho tanto extensas em duração quanto intensas em produtividade.

A média de uma jornada nas oficinas de costura com migrantes é de 15 horas diárias, nas quais as mãos e os braços se movimentam quase ininterruptamente a grandes velocidades, uma vez que se paga por peça de roupa confeccionada.

De forma que, durante 15 horas ou mais por dia, 90 horas ou mais por semana, a máquina de costura – reta, overloque, interloque ou galoneira –, é o maior obstáculo a ser vencido. De fato, não se escuta tanto as vozes dos costureiros e oficinistas da mesma forma como se escuta o som produzido pelas máquinas quando se pisa nos pedais, no caso das mecânicas, ou quando os comandos são executados automaticamente, no caso das elétricas. No prédio em que funcionava a oficina de Roberto e Marta, todos os 12 apartamentos eram oficinas. Por isso, para que houvesse silêncio e todos pudessem descansar, havia uma espécie de toque de recolher convencionado entre os vizinhos às 22h, quando se desligava as máquinas. Neste universo, acredita-se que as mulheres são mais delicadas e por isso lidam com as máquinas overloque, mais complexas e cortantes, enquanto os homens operam as máquinas retas. Assim, divididos sexualmente segundo o tipo de máquina, cada costureiro ou costureira estabelece com a máquina uma relação íntima, já que, do seu desempenho e do bom funcionamento dela, dependem uma série de fatores essenciais para o projeto migratório.

Em primeiro lugar, o esquema de contratação e emprego de migrantes nas oficinas de costura da ZMSP muitas vezes envolve pessoas sem qualificação prévia. Por isso, principalmente para os recém-chegados dos Andes, a máquina é o meio de aprendizagem de um ofício. E, da velocidade com que se aprende esse ofício, depende o começo do envio de remessas econômicas ao lugar de origem, ou aos membros familiares que ficaram na Bolívia. Se existir uma dívida com o empregador, geralmente relativa aos gastos com o transporte, alojamento e alimentação no trajeto da Bolívia ao Brasil, aprender a confeccionar se torna ainda mais urgente. Roberto, por exemplo, foi forçado a trabalhar durante nove meses recebendo cerca de U\$15 para pagar sua dívida antes de começar efetivamente a ser pago por peça confeccionada. Uma vez que se obtém as habilidades técnicas de operação de máquinas diferentes, ao ponto de saber como montar uma peça de roupa inteira, com os detalhes da gola, mangas, barras, forros e colocações de botões, pode-se começar a pensar em armar uma oficina ou uma facção própria. Não são poucos os casos nos quais o matrimônio é a justificativa para esse passo. E ter uma oficina própria implica adquirir ou alugar máquinas de costura. Elas são, de certa forma, o símbolo que consagra a união matrimonial e lhe dá perspectivas de futuro. A inauguração de uma oficina representa, ademais, ascensão laboral neste universo, pois permite o contato direto com o fornecedor, seja ele um intermediário ou um “empresário coreano” da moda.

Da mesma forma que, a partir da máquina de costura, vislumbram-se as formas de organização do trabalho migrante, ela participa também da estruturação das mobilidades dos costureiros e costureiras bolivianas. A partir da contribuição de Côrtes (2013), hoje podemos visualizar as oficinas de costura como dispositivos que permitem a circulação de migrantes entre as localidades de origem na Bolívia e a ZMSP. E, apoiados no paradigma das mobilidades (Creswell, 2006; Urry; Sheller, 2006), pode-se afirmar que a circulação de uns migrantes se sustenta, antagonicamente, na fixação de outros. O agente decisivo nesta equação é precisamente a máquina de costura, já que adquirir uma ou mais máquinas compromete as mobilidades migratórias na medida em que as responsabilidades na entrega de pedidos limitam as viagens aos lugares de origem. Antes de instalar oficina própria no Bom Retiro, Roberto havia circulado entre São Paulo e El Alto uma vez por ano, entre 2007 e 2010, na condição de costureiro. Com o estabelecimento da oficina em 2011, ele, Marta e os filhos só retornariam à Bolívia em 2016, cinco anos depois.

A relação entre objetos e sujeitos talvez seja mais evidente nas sensações e afetividades que a máquina de costura invoca. A princípio, nota-se que a interação entre costureiros e máquinas é tamanha que a simbiose resultante é quase orgânica, como se a máquina fosse a própria extensão corporal do migrante costureiro. Em palavras de Miller (1998:19), os objetos são a corporificação (*embodiment*) de nós mesmos. No entanto, durante o trabalho etnográfico na oficina de Roberto e Marta e os anos de convivência posterior, observa-se que certas expressões transmitem a ideia de uma relação entre independentes, na qual a máquina de costura é aludida como um ser animado, ou quase-animado, que demanda apreço e delicadeza no trato. Por isso, segundo os costureiros migrantes, “é preciso tratá-la bem” ou “é preciso ter paciência com ela” (Diário de Campo, 2015, n.p.). Do contrário, a máquina pode reagir negativamente, conforme relata Roberto: “ela não funciona, o fio escapa e ela trava” (Diário de Campo, 2015, n.p.), impedindo o bom desempenho das atividades de costura, que se traduz em atrasos na entrega de pedidos ou, no pior dos casos, ser obrigado a deixá-la numa loja de consertos do mesmo bairro para que seja reparada, o que pode levar dias ou semanas. Os gastos despendidos do conserto correm por conta do oficina, já que a empresa ou o intermediário que subcontrata a oficina não mantém nenhum tipo de vínculo trabalhista formal.

Outra aprendizagem revelada por Roberto ao longo de uma década trabalhando no ramo das confecções à frente de uma máquina de costura é que “não dá para ficar se queixando com a máquina” porque senão “a máquina te mostra a dor nos rins” (Diário de Campo, 2015, n.p.). Roberto se refere à dor na região

lombar inferior fruto de jornadas de trabalho que, no seu caso, chegavam a 17 horas por dia, das 7h da manhã à meia-noite, com um intervalo de uma hora para o almoço e 15 minutos para o café da tarde. Marta, por sua vez, mantinha uma relação de maior cumplicidade com a máquina que operava. Quando perguntada sobre as sensações e circunstâncias que a máquina que levou de volta a El Alto lhe recordava, ela sem hesitar me expressa: “A máquina reta era a minha melhor amiga. Havia muitos momentos de discussão e a máquina era a única com quem eu podia me queixar, reclamar da vida ou inclusive chorar por causa da impotência frente tantas coisas que passei por lá” (Diário de Campo, 2017, n.p.).

As sensações emanadas da relação entre o objeto máquina de costura e o sujeito costureiro transitam do cuidado, passando pelas dores que são atribuídas à máquina, e incluem até mesmo determinadas cumplicidades relativas à exploração do trabalho do migrante da costura em geral, e das mulheres costureiras em particular, já que se encarregam das refeições de todos os membros da oficina, da limpeza do local de trabalho e das costuras mais delicadas e complexas, isto é, estão submetidas ao mesmo esquema de fragmentação do pagamento por peça e, além disso, às relações abusivas com seus respectivos maridos, tios, padrinhos e/ou patrões. De qualquer forma, na falta de clareza sobre seus direitos migrantes, sobre as responsabilidades de cada elo da cadeia de subcontratação ou na ausência de um canal de reivindicação trabalhista, as máquinas são as principais interlocutoras no desabafo das penúrias do cotidiano do migrante costureiro. Para Alonso Rey (2016), quem examina as afetividades envolvidas na escolha de certos objetos para acompanhar migrantes em sua primeira viagem, “os objetos não são reflexo, mas parte ativa que também ajuda a criar a experiência migratória (:44, tradução própria).<sup>9</sup>

Objeto fundamental do “sonho brasileiro” (Silva, 2006), a máquina de costura, no entanto, não é um agente presente somente nas extensas jornadas de trabalho. A relação com ela é ativada em pelo menos dois eventos que pude presenciar e que marcam a ritualidade boliviana na cidade de São Paulo, extensiva à toda zona metropolitana. Trata-se da *Fiesta de Alasitas* e das festividades carnavalescas.

Celebrado no dia 24 de janeiro em várias localidades da ZMSP simultaneamente, Alasitas é um evento frequentado por migrantes bolivianos solteiros, casais que debutam como oficinistas e famílias já estabelecidas no ramo das

9 No original: “los objetos no son el reflejo, sino parte activa que ayuda también a crear la experiencia migratoria”.

confeções, durante o qual se comercializam objetos em miniatura, como casas, materiais de construção, alimentos e material de higiene, inclusive cédulas de dinheiro falsas, que são benzidos pelos *yatiris*, pessoas encarregadas de rezar uma prece em tributo à *Pachamama*<sup>10</sup>, para que não falte comida nem moradia ao longo do ano. Muitos desses objetos em miniatura são pendurados nas vestimentas do *Ekeko*, a divindade aimará relacionada à abundância. No evento celebrado em 2015, no Parque Dom Pedro II, que contou com a presença do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, um personagem fantasiado de *Ekeko* pousou ao seu lado no palco principal (Diário de Campo, 2015, n.p.). Entre os objetos pendurados no seu corpo, encontrava-se uma máquina de costura feita de papelão, algo que originariamente não está associado à fartura e que não aparece na festa de *Alasitas* celebrada na Bolívia.

Além do objeto máquina de costura, a festa de *Alasitas* no Brasil também reproduz uma miniatura do automóvel *Doblô* da marca Fiat. Este é o automóvel frequentemente associado com os *oficinistas* (donos de oficinas de costura), com o qual carregam as peças de roupa entre a oficina e os locais de venda do Bom Retiro ou do Brás. Possuir e transitar com uma *Doblô* é motivo de prestígio entre os bolivianos, já que representa o êxito do projeto migratório em São Paulo. São indícios importantes que denotam a materialidade da migração boliviana em São Paulo para além da oficina e da máquina de costura, mas que não deixam de projetar imaginários estreitamente vinculados com a experiência migratória.

Na terça de carnaval do mesmo ano (2015), fui convidado por outra família de migrantes bolivianos do ramo das confeções a celebrar o ritual da *ch'alla*. Trata-se da família *Chambi Jucumani*, capitaneados por Juan e Catarina, um casal *oficinista* da Vila Maria. O casal era a cabeça de um total de quatro oficinas que congregavam mais de 20 costureiros e costureiras e que juntas confeccionam peças de roupa para serem comercializadas na Feirinha da Madrugada do Brás. *Ch'allar* é a ação de benzer a *Pachamama*, oferecendo o primeiro gole da bebida que se toma à terra. Durante o carnaval, além de se *ch'allar* a terra como de costume, também se *ch'alla* as máquinas de costura. Neste caso, juntamente com todos os empregados de Juan e Catarina, percorremos as quatro oficinas da parte alta e baixa da Vila Maria, zona norte de São Paulo, para benzer com cerveja todas as máquinas de costura para que não faltassem pedidos de roupa durante o ano.

10 Termo que faz referência à Mãe-Terra nos Andes.

Observa-se como as práticas cotidianas e as de caráter ritual incluem a interação com o mundo material. Primeiramente, a máquina de costura, que é o centro das relações de cada costureiro e sobre a qual, além das sensações anteriormente descritas de resignação e cumplicidade, pesa a esperança de um ano produtivo, com muito trabalho e bem-estar individual e familiar. Eventualmente, outras materialidades são incorporadas, como o Fiat Doblô, mas sempre em consonância com o universo das oficinas de costura do migrante boliviano.

Em seguida, descreverei e examinarei a mobilidade migratória de retorno à Bolívia da família Escobar Huarachi e as alterações em termos de uso e significado da máquina de costura na localidade de origem.

### De volta aos Andes, a máquina continua cobrando fatura

No começo de 2016, em nova visita à oficina do Bom Retiro, surgiram más notícias. As marcas de roupa para as quais Roberto e Marta confeccionavam haviam optado por importar peças diretamente da China em lugar de subcontratar o serviço de costura no mesmo bairro. Em fevereiro desse ano, o casal decidiu então se mudar para Goiânia, onde receberiam um melhor pagamento por peça confeccionada, além de escapar da ferrenha competição com outras oficinas instaladas no centro de São Paulo. Deixaram então seus móveis e suas máquinas de costura devidamente preparadas no apartamento que alugavam e se dirigiram com os quatro filhos a El Alto para visitar seus familiares, já que a partida ao centro-oeste implicaria outra longa estância no Brasil. Ao longo dos dois meses na cidade natal, Marta se deu conta do mal estado de saúde de sua mãe. “Tinha líquido nos pulmões”, revelou-me (Diário de Campo, 2017). Segundo ela, aliado ao cansaço da dinâmica da costura e da renda insuficiente para pagar o aluguel, esse foi outro importante motivo para que o casal decidisse, de maneira imprevista, ficar de vez na Bolívia.

Antes, no entanto, para poder pagar a mudança e chegar ao altiplano boliviano com um pé-de-meia, retornaram a São Paulo com a filha menor e trabalharam como costureiros durante três meses na oficina de Rogelio e Luisa, tia de Roberto, localizada no Brás. A partir de então e durante os próximos meses, carregariam consigo as máquinas de costura, fazendo uma espécie de escala no Brás. Durante o curto período como costureiros empregados, Marta confessou que teve a sensação de retrocesso, já que anteriormente, em sua própria oficina eram os empregadores; nessa nova situação, Rogelio, seu novo patrão, controlava os horários dela e do marido (Diário de Campo, 2017).

A preparação do retorno à Bolívia implicou em sobretudo acomodar bem as três máquinas que decidiram levar: uma galoneira, uma overloque e uma reta. As outras duas foram vendidas à irmã de Rogelio, também oficinista do Brás. De acordo com Marta, cada uma das quatro companhias de ônibus nas quais viajaram entre o Brasil e a Bolívia cobrou entre R\$50 e R\$100 para levar cada uma das máquinas. No final, segundo seus cálculos, gastaram cerca de um quinto do valor de cada uma somente no transporte (Diário de Campo, 2017). Roberto e Marta regressaram pela fronteira Corumbá-Puerto Suárez e, ao serem identificados com bens a declarar, ainda foram tarifados pelos agentes alfandegários.

O corredor migratório Bolívia-Brasil e as duas principais rotas que articula, via Corumbá e via Chaco, embora constitua um espaço de trânsito expressivo das mobilidades entre os Andes e o Cone Sul, e seja utilizado ademais por migrantes do Peru e do Paraguai para chegar à ZMSP, atrai pouco investimento econômico, pouca atenção dos meios de comunicação e, com raras e contadas exceções, da própria academia (Carmo; Fusco; Souchaud, 2007). Além disso, os obstáculos colocados pela geografia e pelo clima desse espaço trinacional (Bolívia-Brasil-Paraguai) colaboram para o seu afastamento dos grandes centros urbanos sul-americanos. Talvez seja lembrado mais como um espaço clandestino por onde circulam drogas ilícitas, contrabandistas de mercadorias e traficantes de mulheres e migrantes. Não obstante, essas são as vias por onde ingressa licitamente o gás natural proveniente da Bolívia que é consumido pelas indústrias do sul e do sudeste brasileiros, assim como os próprios costureiros e costureiras que sustentam, à base de muito suor, os circuitos produtivos da maior indústria de confecção do Brasil, responsável por fornecer vestidos, saias, camisetas e acessórios aos mercados populares do centro de São Paulo e de boa parte do interior do país.

Ao chegar ao destino, instalaram-se na casa dos pais de Marta, no bairro altenho Cosmos 79, onde também vivem sua irmã Giovana, seu cunhado Gabriel e seus três filhos. Generosamente, os pais de Marta lhes cederam três cômodos, onde montaram a cozinha, um quarto com beliches para ela, Roberto e os quatro filhos e uma sala que foi convertida em uma nova oficina de costura, numa comprovação de que quando as máquinas se movimentam, a oficina vai junto. A própria presença das máquinas de costura em El Alto, isto é, a inclusão das máquinas na bagagem, informa sobre as mobilidades da família Escobar Huarachi desse momento em diante. Se, anteriormente, o casal havia realizado mobilidades sempre circulares entre um polo e outro do corredor migratório, o fato de levar as máquinas aos Andes, significa o fim ou pelo menos a suspensão

prolongada da circularidade migratória (Miranda, 2019c). De fato, de 2016 aos dias atuais, nenhum dos dois reemigrou à São Paulo.

Desta forma, três mil quilômetros distantes de onde estavam, as três máquinas de costura passaram a habitar e estar envolvidas numa nova cena, composta de outras texturas (Knowles, 2014). A cidade de El Alto faz parte da zona metropolitana de La Paz, a maior área conturbada da Bolívia (INE, 2012). Habitada por uma grande maioria de população aimará e quéchua, contrasta racialmente com La Paz, a capital branca-mestiça. Geralmente ocultada pela segunda, é uma cidade fruto dos ajustes neoliberais da década de 1980 no país andino, quando numerosas famílias decidiram recomeçar suas vidas, vindas das regiões onde se localizavam as principais minas do país, que passaram por um processo de privatização seguida de demissões massivas (Sandoval; Sostres, 1989). Neste sentido, é uma cidade acolhedora de migrantes internos e que logo serve como trampolim para as migrações internacionais aos países vizinhos: Argentina, Brasil e Chile (Hinojosa Gordonava, 2009). Vários estudos indicam El Alto como o principal polo de origem dos migrantes bolivianos que se instalam na ZMSP (Arroyo Jiménez, 2009; Xavier, 2010; Souchaud, 2019), de forma que se pode argumentar que a intensificação das mobilidades no corredor migratório Bolívia-Brasil, a partir da década de 1990, é um dos efeitos dos ajustes estruturais do neoliberalismo nos Andes.

Estrategicamente localizada, a cidade de El Alto é considerada um importante polo de distribuição de mercadorias. A pesquisa desenvolvida por Tassi, Medeiros, Rodríguez-Carmona e Ferrufino (2013) sobre a atividade dos comerciantes populares na Bolívia, revela que El Alto “é um centro para a grande distribuição de produtos importados – eletrônicos, materiais de construção, roupa, comestíveis – ao resto do país e do continente” (:93, tradução própria).<sup>11</sup> De fato, é uma escala obrigatória dos produtos que embarcam nos portos do sudeste da China e chegam 40 dias depois aos portos de Arica e de Iquique, no norte do Chile, para daí abastecerem os mercados populares no interior da própria Bolívia e em várias das suas fronteiras com Argentina, Brasil, Paraguai e Peru. Um dos mercados dotados com mercadorias chinesas que passam por El Alto é o de Ciudad del Este, no Paraguai, que por sua vez nutre camelódromos e mercados populares da ZMSP através dos chamados sacoleiros (Tassi; Medeiros; Rodríguez-Carmona; Ferrufino, 2013:97), convertendo-se, desta maneira, em

11 No original: “es un centro para la gran redistribución de productos importados – electrónica, materiales de construcción, ropa, abarrotes – al resto del país y del continente”.

um polo da globalização de baixo ou não-hegemônica (Knowles, 2014; Albavega; Ribeiro; Mathews, 2015).

Incorporar-se ao comércio informal por meio da venda de roupas de bebê e de alimentos preparados no centro de El Alto, conhecido como La Ceja, foi de fato uma das atividades iniciadas por Marta para complementar a renda familiar, juntamente com o trabalho de confecção, que já não gerava os mesmos dividendos que em São Paulo. Quando nos voltamos a reencontrar em El Alto no inverno de 2017, Roberto e Marta se encontravam confeccionando. Ela se encontrava precisamente na frente da máquina reta, sua “melhor amiga” em São Paulo, enquanto confeccionava coletes para o frio. Longe da pressão exercida pelos empresários da moda do Bom Retiro, em jornadas que não permitiam intervalos de descanso e se sentindo em casa, sem a preocupação de contar os reais para pagar o próximo aluguel, Marta transmitia brandura em seu semblante. Entre tão poucas opções numa economia movida por comerciantes populares e informais, a costura é um ofício aprendido e garantido, que lhe dá certa segurança, ainda mais quando seus clientes não requerem a mesma qualidade de costura que lhe era exigida pela indústria de confecção de São Paulo.

Roberto manifestava a mesma sensação de alívio. Revelou-me que não pretende regressar a São Paulo dada a “tranquilidade de viver na Bolívia” (Diário de Campo, 2017). Refere-se ao ritmo menos intenso de trabalho, que lhe dá a possibilidade de interromper a jornada quando lhe convém, conviver com os filhos ou visitar sua mãe e irmãs, que vivem em bairros vizinhos. Sentia-se com mais liberdade de movimento, com mais tempo livre, que usava entre outras coisas para cuidar da sua saúde. Depois de pouco mais de uma década confeccionando 15 horas por dia em média, seis dias por semana, além do estresse de conduzir uma oficina, ao chegar em El Alto, seu corpo adoeceu. Desde que chegou à Bolívia, foi operado três vezes, resultado de uma apendicite e um cálculo biliar. Segundo ele, seu estado de saúde se debilitou porque “reclamava muito com a máquina de costura, por causa dos prazos de entrega de pedidos aos coreanos” (Diário de Campo, 2017). Sem uma poupança suficiente, mesmo depois de mais de uma década em São Paulo, a família Escobar Huarachi teve que recorrer às casas de créditos que pululam em El Alto para financiar o custo das intervenções cirúrgicas.

Novamente, constata-se como a máquina se converte na primeira depositária das adversidades vividas em São Paulo. Não é a pressão imposta pelos fornecedores os causadores dos padecimentos de Roberto, nem o pagamento fracionado por peça, mas sua suposta incapacidade de administrar os tempos de entrega e as queixas resultantes disso com seu principal interlocutor: a

máquina de costura. Na ausência ou no desconhecimento de outros canais, é na relação com a máquina quando se descarregam os problemas estruturais de um esquema de subcontratação que se apoia no trabalho não-livre (Brass; Van Der Linden; 1997). Na ocasião do nosso último encontro, as três máquinas de costura ainda conservavam um lugar especial, já que a sala que ocupavam era maior em tamanho que o próprio quarto que abrigava os seis membros da família Escobar Huarachi. No entanto, sem o mesmo volume de uso que tinham no Bom Retiro, converteram-se em objetos que em grande medida disparavam as memórias de suas experiências como costureiros migrantes em São Paulo.

## A modo de conclusão

Neste texto, lançando mão de dois giros epistemológicos nas Ciências Sociais do final do século passado, o da materialidade e o da mobilidade, assim como da convivência etnográfica com duas famílias bolivianas, examinaram-se os sentidos das interações existentes entre os migrantes costureiros e a materialidade que os rodeia em sua experiência migratória, centrando-se nas máquinas de costura. Desviou-se de um objeto cultural que caracteriza os estudos da cultura material desde a década de 1980 para a análise das relações com um objeto que é ao mesmo tempo uma máquina e um meio de produção. Descreveram-se também as localidades de instalação das máquinas nos polos do corredor migratório Brasil-Bolívia enquanto cenas da integração de um nicho laboral, cujos circuitos produtivos atendem ao mercado interno brasileiro, mas requerem a força de trabalho de migrantes sul-americanos, especialmente provenientes dos Andes bolivianos. As máquinas de Roberto e Marta, ex-oficinistas e principais sujeitos etnográficos deste estudo, enquanto transitam longe dos eixos industriais mais conhecidos, revelam as rotas silenciosas da América do Sul e do sistema migratório regional, por onde circulam centenas de milhares de trabalhadores precarizados entre os Andes e o Cone Sul, os filhos do neoliberalismo boliviano. Dentro de um contexto de mobilidade, as máquinas enlaçam espaços dissimiles.

Embora não se refira à matéria de ordem cultural, a máquina de costura, vista como um objeto, participa da forma de organização do trabalho de confecção e orienta os motivos, os sentidos e as temporalidades das mobilidades migratórias, na medida em que ter uma máquina implica fixação em São Paulo, dados os compromissos adquiridos com fornecedores e com os agentes da cadeia de subcontratação, ainda mais quando os sujeitos migrantes não podem se dar ao luxo de ter máquinas ociosas. Possuir uma máquina de costura somente

permite mobilidade quando se decide carregá-las na bagagem, entre roupas e pertences individuais. Neste caso, carregá-las é também levar consigo um ofício de volta ao lugar de origem. Além do mais, essa portabilidade permite que o ofício possa ser reativado nos distintos assentamentos durante a circularidade migratória.

Conforme examinado, os objetos ainda se fazem presentes de maneira multissensorial. Por este ângulo de análise, evidenciou-se como a máquina, ou as máquinas, no plural, engendram: resignação frente às longas jornadas de trabalho; cumplicidade diante da impotência do costureiro migrante sem espaços de reivindicação política; esperança de bem-estar familiar, seja por meio do início do envio de remessas econômicas ao lugar de origem, seja como quando é mediadora com as divindades e as forças da natureza andinas; e memórias de uma trajetória migratória marcada pela falta de liberdade de movimento.

Por isso, pode-se asseverar que o mundo social das oficinas de costura com migrantes se constitui da relação com a materialidade expressa sobretudo nas máquinas. Em outros termos, a própria constituição da subjetividade do migrante da costura leva no seu bojo um processo de objetificação que, como outros, encerra um ente não-humano, mas permanentemente ativo durante a experiência migratória. Assim, de certa maneira, a objetificação também é um processo de antropomorfização no qual se atribui personalidade humana aos objetos do entorno, haja vista as percepções dos costureiros migrantes e a agência que é outorgada às máquinas de costura. Afinal, ela pode, por exemplo, castigar quando não recebe a paciência devida, por meio do atraso nas entregas dos pedidos ou até mesmo transmitindo dores corporais. Desta forma, a máquina não contém somente o motor mecânico que move a alavanca e a agulha ponto-a-ponto, mas o motor de uma série de elementos estruturais e sensoriais da experiência migratória.

## Referências

- ALBA VEGA, Carlos; RIBEIRO, Gustavo Lins; MATHEWS, Gordon (Coord.). *La globalización desde abajo. La otra economía mundial*. México, FCE, El Colegio de México, 2015.
- ALONSO REY, Natalia. De objetos y migraciones: “hacer las maletas”. *Ankulegi*. Online, n. 20, 2016, pp. 31-46.
- APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política do valor. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008 [1986], pp. 15-88.

- ARROYO JIMÉNEZ, Marcelo (Coord.). *La migración internacional: una opción frente a la pobreza. Impacto socioeconómico de las remesas en el área metropolitana de La Paz*. La Paz, Gobierno Municipal de La Paz; Defensor del Pueblo; Pastoral de la Movilidad Humana; Fundación PIEB, 2009.
- BABY-COLLIN, Virginie; CORTES, Geneviève; SASSONE, Susana. Mujer, movilidad y territorialización. Análisis cruzado de las migraciones internacionales en México y Bolivia. In: *Migración transnacional de los Andes a Europa y Estados Unidos. Actes & Mémoires*, n. 17. Cochabamba, IFEA; Fundación PIEB; IRD, 2008, p. 135-166.
- BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas, NEPO; FAPESP; CNPq; UNFPA, 2012.
- BENENCIA, Roberto. El infierno del trabajo esclavo. La contracara de las “exitosas” economías étnicas. *Avá. Online*, n. 15, 2009, pp. 43-72.
- BRASS, Tom; VAN DER LINDEN, Marcel. *Free and Unfree Labour: The Debate Continues*. Nova Iorque, Lang, 1997.
- CARMO, Roberto Luiz do; FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Sylvain. Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai. *Teoria & Pesquisa. Online*, v. XVI, n. 1, jan.-jun. 2007, pp. 39-60.
- CHOI, Keum Joa. Imigração coreana na cidade de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Online*, n. 40, 1996, pp. 233-238.
- CÔRTEZ, Tiago Rangel. Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade de São Paulo, USP, 2013.
- CRESSWELL, Tim. *On the Move. Mobility in the Modern Western World*. Londres, Routledge, 2006.
- CRESSWELL, Tim. Mobilities II: Still. *Prog Hum Geogr. Online*, v. 36, n. 5, 2012, pp. 645-653. DOI: 10.1177/0309132511423349.
- DIÁRIO DE CAMPO, São Paulo, Brasil, jan.–maio 2015.
- DIÁRIO DE CAMPO, El Alto, Bolívia, jun.–jul. 2017.
- EVERUSS, Louis. The new mobilities paradigm and social theory. In: ELLIOTT, Anthony. (Ed). *Routledge Handbook of Social and Cultural Theory 2*. Nova Iorque, Routledge, 2021, pp. 287-305.
- FELDMAN, Sarah. Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante. *Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*. Recife, v. 1, 2013, pp. 01-20.
- FREITAS, Patrícia Tavares de. Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2009.

- FREITAS, Patrícia Tavares de. Projeto costura. Percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino. Tese de doutorado, Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2014.
- GEIGER, Martin; PÉCOUD, Antoine. *The Politics of International Migration Management*. In: *The Politics of International Migration Management*. Londres, Palgrave MacMillan, 2010, pp. 01-20.
- HINOJOSA GORDONAVA, Alfonso. *Migración transnacional y sus efectos en Bolivia*. La Paz, Fundación PIEB, 2009.
- HOSKINS, Janet. Agency, Biography and Objects. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KUECHLER, Susan; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia (Eds.). *Handbook of material culture*. Londres, Sage Publications, 2006, pp. 74-83.
- INE (Instituto Nacional de Estadísticas). *Censo Nacional de Población y Vivienda*. La Paz, 2012.
- KNOWLES, Caroline. Trajetórias de um chinelo: microcenos da globalização. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2014, pp. 289-310.
- KONTIC, Branislav. Inovação e redes sociais: A indústria da moda em São Paulo. Tese de doutorado, Sociologia, Universidade de São Paulo, 2007.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niteroi, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008[1986], pp. 89-121.
- LEVITT, Peggy; GLICK-SCHILLER, Nina. Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad. *Migración y Desarrollo*. Online, n. 3, 2004, pp. 60-91.
- MCGRATH, Siobhán. Many chains to break: the multi-dimensional concept of slave labour in Brazil. *Antipode*. Online, v. 45, n. 4, 2013, pp. 1005-1028.
- MILLER, Daniel. Introduction. In: *Material culture and mass consumption*. Oxford, Basil Blackwell, 1987, pp. 03-18.
- MILLER, Daniel. Why some things matter. In: MILLER, Daniel (Ed.). *Material culture. Why some things matter*. Londres, University College London Press, 1998, pp. 03-21.
- MIRANDA, Bruno. Uno ya sabe a lo que viene: la movilidad laboral de migrantes andino-bolivianos entre talleres de costura de São Paulo explicada a la luz de la producción del consentimiento. *REMHU-Revista Interdisciplinaria da Mobilidade Humana*. Online, v. 25, n. 49, 2017, pp. 197-213.
- MIRANDA, Bruno. La migración de retorno vista a través de la circularidad. Desplazamientos entre Bolivia y Brasil. *Andamios*. Online, v. 16, n. 41, 2019a, pp. 257-282.

- MIRANDA, Bruno. Etnografía de piso revisitada: La mimetización laboral en un taller de costura con migrantes en São Paulo. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo. Online*, v. 3, n. 6, 2019b. Disponível em: <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/lat/article/view/535/444>>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- MIRANDA, Bruno. De vuelta a la “hoyada”. Experiencias de trabajo y retorno de migrantes bolivianos en la industria de la moda en São Paulo, Brasil. In: RIVERA SÁNCHEZ, Liliana (Ed.). *¿Volver a casa? Migrantes de retorno en América Latina. Debates, tendencias y experiencias divergentes*. México, El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, 2019c., pp. 511-542.
- MONTEIRO, Cristiano Sobroza. O que cabe na mala? Deslocamentos e circulação de objetos da diáspora senegalesa em “terra de italianos”. *Século XXI, Revista de Ciências Sociais. Online*, v. 8, n. 1, 2018, pp. 203-232.
- MYERS, Fred R. Introduction: The Empire of Things. In: MYERS, Fred R. (Ed.). *The Empire of Things. Regimes of Value and Material Culture*. Santa Fe, School of American Research Press, 2001, pp. 01-61.
- RUSEISHVILI, Svetlana. Carimbos, letras e rostos: uma etnografia da mala de refúgio. *IV Jornadas sobre Objetos y Cultura Material*, Biblioteca del Museo Histórico Nacional de Chile, Santiago, 2018.
- SALAZAR, Noel; GLICK-SCHILLER, Nina. Regimes of mobility across the globe. *Journal of Ethnic and Migration Studies. Online*, v. 39, n. 2, 2013, pp. 183-200.
- SANDOVAL, Godofredo; SOSTRES, María Fernanda. *La ciudad prometida. Pobladores y organizaciones sociales de El Alto*. La Paz, ILDIS, 1989.
- SHELLER, Mimi. *Mobility Justice. The Politics of Movement in an Age of Extremes*. Londres, Verso Books, 2018.
- SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space. Online*, v. 38, 2006, pp. 207-226.
- SILVA, Carlos Freire da. Trabalho Informal e Redes de Subcontratação: Dinâmicas Urbanas da Indústria de Confecções em São Paulo. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade de São Paulo, 2008.
- SILVA, Carlos Freire da; CÔRTEZ, Tiago Rangel. Dossiê Paraguiaios. *Revista Travessia. Online*, n. 74, 2014.
- SILVA, Cristina Silvana da. Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). Tese de doutorado, Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- SILVA, Sidney da. Uma face desconhecida da metrópole: os bolivianos em São Paulo. *Travessia. Online*, ano VIII, n. 23, set-dez. 1995, pp. 14-19.

- SILVA, Sidney da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade, *Revista de Estudos Avançados da USP – Dossiê Migrações. Online*, v. 20, n. 57, São Paulo, maio-ago. 2006, pp. 157-170.
- SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas, NEPO; FAPESP; CNPq; UNFPA, 2012, pp. 75-92.
- SOUCHAUD, Sylvain. *Géographie de l'atelier. Confection, migration, urbanisation à São Paulo*. Paris, IHEAL; IRD, 2019.
- TASSI, Nico; MEDEIROS, Carmen; RODRÍGUEZ-CARMONA Antonio; FERRUFINO, Giovana. *Hacer plata sin plata. El desborde de los comerciantes populares en Bolivia*. La Paz, Fundación PIEB, 2013.
- TILLEY, Christopher. Objectification. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KUECHLER, Susan; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia (Eds.). *Handbook of material culture*. Londres, Sage Publications, 2006, pp. 60-73.
- XAVIER, Iara Rolnik. Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação de mestrado, Geografia, Universidade de São Paulo, 2010.

Recebido em: 18/02/2021

Aprovado em: 29/03/2021

### **Como citar este artigo:**

- MIRANDA, Bruno. Máquinas de costura na bagagem: a materialidade das mobilidades migratórias Bolívia-Brasil. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 125-149.